

HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. (RE)VISITANDO A PRODUÇÃO AGEBEANA - 1974-2005

Eva Joelma Pires de Souza
joelmaoupf@yahoo.com.br

Zélia Guareschi Fioreze
zelia@upf.br

Resumo: O presente estudo analisa as produções agebeanas, sobre a história da Geografia, através do Boletim Gaúcho de Geografia - BGG, periódico organizado e publicado pela Associação de Geógrafos Brasileiros/Seção Porto Alegre - AGB/PA. O objetivo é resgatar e analisar a contribuição da AGB/PA e do BGG na trajetória e na construção do pensamento e da produção geográfica no Rio Grande do Sul. Para tanto, propõe-se investigar e analisar a produção da entidade, identificando os autores e promovendo uma breve discussão sobre os textos produzidos. Atualmente as publicações nessa área vem ganhando espaço de discussão em eventos e, também, eventos específicos vem sendo promovidos, o que reforça a importância do profissional de geografia dedicar-se ao conhecimento e discussão da evolução da ciência na qual atua, para que possa agir de forma consciente e eficaz no seu trabalho. Neste sentido busque-se, através desse texto, contribuir com os estudos da área, pois entende-se que a AGB-PA investe na efetivação de uma Geografia pensada e atuante, bem como é cumpridora do seu papel social e científico promovendo estudos, espaços de discussão e produção do conhecimento geográfico, o qual é divulgado através do Boletim Gaúcho de Geografia.

Palavras-Chave: AGB-PA, Boletim Gaúcho de Geografia, pensamento geográfico.

Introdução

A história do pensamento geográfico é a área que se dedica ao estudo da evolução do pensamento e conhecimento geográfico e que busca entender os paradigmas e epistemologias que norteiam a Geografia, desde sua sistematização como ciência. É nessa linha de estudos que se promove, também, o resgate dos conhecimentos geográficos produzidos anteriormente a sua sistematização pois, desde o surgimento do homem na Terra, são utilizados para possibilitar a sobrevivência humana.

O estudo da história do pensamento geográfico pelos caminhos das instituições vem se destacando e sendo valorizado, pois é sabido que muito antes da institucionalização em cátedra universitária o pensamento e a produção geográfica brasileira ficava a cargo de outras instituições. Esse contexto se fez presente, dentre outros, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, instalado em 1838 e também com a Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro - SGRJ, fundada em 1883. No Rio Grande do Sul a atuação, tanto do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - IHGRGS, instalado em 1920, quanto da Associação de Geógrafos Brasileiros, núcleo regional instalado em 1973, são

considerados de suma importância para a produção de Geografia do e sobre o estado, associando-se às poucas iniciativas existentes na área.

Acredita-se que esses estudos se fazem pertinentes e merecedores da atenção dos estudiosos e pesquisadores que se interessam em conhecer os caminhos da Geografia brasileira. Optou-se, no estudo, por abordar a história do pensamento geográfico pelas publicações que discutiram e ensejaram discutir a teoria da geografia, no periódico da AGB - PA, e apontam os paradigmas que nortearam a evolução da ciência no Rio Grande do Sul, apoiando os profissionais gaúchos, que pensam e produzem a Geografia no/do estado.

Orientações Metodológicas

A investigação está centrada no período entre 1974 a 2005 e fundamenta-se, basicamente, no levantamento da produção do boletim, passando pela leitura, classificação dos artigos que contemplam a temática analisada, e seus autores. Formado o banco de dados, que subsidiou com as informações necessárias, passou-se para a análise da produção com posterior elaboração do texto, buscando fundamentação, também, em referências teóricas da área. Para esse estudo foram selecionados 33 títulos, o que corresponde a 8,38% da produção publicada no BGG que, no período selecionado, somou 394 textos distribuídos em 31 boletins.

A geografia no Brasil e a instalação da AGB: um breve histórico

A pesquisa em instituições que atuaram como produtoras e divulgadoras de saber é umas das fontes de conhecimento da trajetória da Geografia no Brasil, pois os conhecimentos geográficos já eram pensados, produzidos e publicados, mesmo antes da institucionalização acadêmica em 1934. De forma secundária ou intencionalmente, ao abrigo de entidades ou no relato de naturalistas e viajantes que descreviam os lugares, por onde passavam, foram produzidos valiosos conhecimentos de interesse geográfico.

As instituições, que antecederam a instalação da Geografia acadêmica no Brasil, dedicaram-se a estudos sobre a construção do território e da identidade brasileira e, nessa tarefa, envolveram-se em temas de cunho geográfico - particularmente sobre o território - influenciando a evolução e produção da Geografia brasileira. Assim, anteriormente à década de 1930, no Brasil, os conhecimentos produzidos não se norteavam necessariamente por paradigmas de uma Geografia científica, pois era produzida por estudiosos e profissionais de outras áreas.

Foi com a instalação do Curso de Geografia e História , em 1934, na Universidade São Paulo - USP, que se deu início à formação do profissional brasileiro de Geografia. A institucionalização da Geografia brasileira, por sua vez, impulsionou a instalação da Associação de Geógrafos Brasileiros - AGB, entidade que se constituiu numa das principais congregadoras dos profissionais geógrafos.

A Associação de Geógrafos Brasileiros, paralelamente ao curso de História e Geografia, veio para produzir estudos¹ e apoiar os profissionais da área; teve como idealizador Pierre Deffontaines, francês que veio para lecionar na cadeira de Geografia da Universidade de São Paulo, bem como intelectuais brasileiros², que atuaram com Deffontaines em estudos e produções geográficas da entidade.

Se, de um lado, a AGB foi criada por influência dos intelectuais ligados ao curso de Geografia instalado na USP, de outro, ela também amparou os geógrafos brasileiros, dando importante contribuições e influenciando na continuidade da institucionalização da Geografia no Brasil.

A AGB, nasceu como uma instituição paulista, e assim permaneceu por um período aproximado de dez anos, até que em 1944 ganhou dimensões nacionais através de mudanças estatutárias, que possibilitaram o surgimento dos primeiros núcleos regionais (ANDRADE, 1994).

A institucionalização da Geografia, em nível acadêmico, no estado do Rio Grande do Sul aconteceu quase uma década depois de serem criados os cursos de São Paulo, em 1934, do Rio de Janeiro, em 1935: em 1942, foram criados os cursos de Geografia e História na Faculdade Católica de Filosofia e, em 1943, na Universidade de Porto Alegre. (FIOREZE, 2002).

O núcleo regional da AGB - PA só foi instalado na década de 1970, período em que a AGB nacional passava por mais uma reforma estatutária o que foveceu à criação da entidade, 19 de novembro de 1973 marca a instalação do núcleo local da Associação de Geógrafos Brasileiros, pertencente à Secção Regional de São Paulo; em 1976 deixou de ser um núcleo regional e tornou-se “Secção Regional do Rio Grande do Sul” (COPSTEIN, 1984, pp.38-39)³.

Logo de sua instalação o núcleo da AGB-PA mantinha suas atividades junto as dependências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS⁴, de onde procedia um número considerável de professores, associados, colaboradores e divulgadores.

Assim como a AGB nacional repercutiu no desenvolvimento da Geografia como ciência a nível de Brasil, o núcleo gaúcho também foi um “divisor de águas” na trajetória e desenvolvimento da Geografia sul-riograndense; o período que antecedeu a criação da

AGB-PA no Rio Grande do Sul era caracterizado pela presença de obras estrangeiras, voltadas para a área da Geografia, principalmente de “mestres franceses”, o que Copstein (1984) defende ser uma influência positivista.

Junto com a instalação da entidade agebeana inicia-se também uma história de produção e divulgação da Geografia no estado gaúcho, concretizando um dos objetivos dos intelectuais da área, através do Boletim Gaúcho de Geografia - BGG. O periódico passou a ser publicado já em 1973, mantendo-se significativamente ativo até os dias atuais.

Sendo o BGG o veículo de divulgação da produção geográfica da AGB, optou-se por fazer uma (re)leitura de suas publicações resgatando a história da Geografia gaúcha pela análise dos textos produzidos pelos associados da entidade.

A contribuição da AGB-PA para a história da Geografia

Na leitura dos textos publicados no BGG, é perceptível a característica “transdisciplinar” que a produção assume. Se, por um lado, esse aspecto dificulta a “precisão cartográfica” da obra, de outro, reafirma a Geografia como uma ciência de interdisciplinaridade e abre um vantajoso leque de possibilidades para a análise do pensamento geográfico, presente nos diferentes períodos da produção.

Desde o lançamento do primeiro Boletim Gaúcho de Geografia,⁵ se passaram trinta e cinco anos de produção e divulgação de conhecimentos regionais. No decorrer desse período, a troca de conhecimentos com outras áreas esteve presente, pois não só geógrafos produziram para o BGG, mas outros profissionais deixaram sua contribuição, logo a Geografia gaúcha influenciou e foi influenciada por outras áreas de conhecimento. Assim, encontram-se trabalhos de biólogos, historiadores, geólogos, antropólogos, entre outros, que contribuíram para a consolidação da produção e do pensamento geográfico, fazendo a história da Geografia agebeana e do seu periódico.

Nesse sentido, analisou-se diferentes tipos de textos desde artigos e resumos para eventos até publicações de contratos e relatórios da entidade, que buscavam deixar seus associados informados do trabalho desenvolvido pela agremiação. A leitura dos relatórios, publicados pela AGB-PA, permite entender o pensamento geográfico e a preocupação com a Geografia brasileira dentro da instituição.

Em 1980, a entidade agebeana firmou contrato com a Secretaria da Educação/RS, evidenciando a preocupação da instituição com a capacitação dos profissionais que atuavam no ensino da Geografia, numa parceria que buscava colaboração e intercâmbio educacional na área geográfica. A AGB responsabilizou-se por produzir um Boletim

específico sobre Metodologia do Ensino de Geografia no 2º Grau (atual Ensino Médio), publicação que deveria ser fundamentada nas Diretrizes Curriculares do Ensino de 2º Grau, da Secretaria.⁶

Também abordando a história da Geografia, via instituições, Raphael Copstein (1984) publicou um artigo sobre a origem e evolução da AGB no Rio Grande do Sul, destacando a importância da instituição para os profissionais. Nesse artigo o autor justifica a necessidade de se organizar um núcleo agebeano no estado, argumentando pela necessidade de reunir os profissionais em uma associação, a exemplo do que já existia em outros estados e participar mais ativamente de eventos da área, oferecendo um espaço de troca e aperfeiçoamento dos conhecimentos.

Para Copstein, “a preocupação da AGB-PA com o aperfeiçoamento de geógrafos e professores de Geografia levou a realização de uma série de cursos”, um compromisso com os profissionais e com a Geografia gaúcha.

O relatório publicado pela entidade sobre o VIII Encontro Estadual de Geografia, evento que tinha como propósito: “reflexões sobre o ensino”, mostra a preocupação agebeana em proporcionar aos seus associados um momento para pensar a Geografia que estava sendo feita, discutindo e propondo sugestões para melhoria da prática pedagógica para garantir uma educação cidadã, com “coerência entre discurso e prática” (BGG nº 16, 1988). Ficava evidenciada uma das linhas de preocupação da AGB, o ensino de Geografia.

Schäffer (1986) contribuiu com a história da Geografia nas instituições explanando um painel sobre o Instituto Brasileiro de Geografia - IBGE e os geógrafos, no cinquentenário da fundação deste órgão no qual discorreu sobre a ligação existente entre a criação do IBGE e a atuação dos geógrafos brasileiros. O relevante papel do IBGE junto à Geografia brasileira é de conhecimento público, no entanto, Schäffer chama a atenção para dois aspectos importantes dessa atuação: primeiramente no setor profissional, congregando um número significativo de profissionais da Geografia e, conseqüentemente, tornando-se significativa a produção de conhecimentos geográficos via instituição; segundo aspecto fica a cargo da divulgação desses conhecimentos, promovida pela entidade e que reunia a produção geográfica de profissionais brasileiros e também a colaboração de renomados geógrafos do exterior como “Pierre Deffontaines, Leo Weibel e Pierre Monbeig”.

O saber geográfico nas instituições, abordado por Fioreze (2001) fez uma leitura das produções do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. A autora investigou os conhecimentos pensados e produzidos nesta instituição, a qual se destacou no estado por ter surgido antes mesmo da institucionalização da geografia em âmbito nacional. Em

suas pesquisas encontrou uma privilegiada produção que retrata a construção territorial do Rio grande do Sul. Era a Geografia pensada e produzida, em grande parte por não-geógrafos e, mesmo abordada de maneira secundária, contribuiu com o pensamento geográfico gaúcho.

As reflexões sobre a geografia agrária também contribuem para uma leitura historiográfica da Geografia no BGG. Nesse sentido têm-se produções de Longo (1985), com o artigo “Algumas reflexões em torno da Geografia Agrária” e de Polenz e Enderle, que em 1988 publicaram um trabalho intitulado “A Geografia e a questão agrária”.

Polenz e Enderle enfatizam a preocupação do geógrafo com as questões do campo; seria o momento de repensar a Geografia e seu objeto de estudo - o espaço - a partir de uma nova reflexão e posicionamento do profissional de Geografia em torno das questões sociais do Brasil. Os autores defendem a presença das ideologias da Geografia Crítica na atuação dos geógrafos que cada vez mais deveriam aderir à análise da realidade social brasileira, provocando um avanço da ciência geográfica em direção a sua afirmação como ciência social (p. 63, 1988). Finalizam chamando a atenção para a importância de que os profissionais da Geografia estejam engajados em movimentos sociais-populares, afirmando sua consciência cidadã e sua atividade profissional.

Este é um dos artigos que discute diretamente a importância do geógrafo na sociedade, deixando transparecer os rumos que a Geografia brasileira, impulsionada por correntes ideológicas pensadas a nível mundial, foi tomando ao longo de sua trajetória - uma ciência com função social.

A Geografia agrária também foi abordada por Valverde e Schneider que trouxeram para discussão a contribuição do geógrafo alemão, Leo Waibel com sua “escola de Geografia Agrária” e a contribuição aos “estudos da agricultura familiar”, respectivamente. Valverde afirma que “a escola brasileira de Waibel, evoluiu enormemente adaptando-se às circunstâncias. [...] e que se hoje não segue o mesmo rumo, é porque as condições são diferentes.” (p. 13, nº 28, 2002).

Para Schneider Orlando Valverde é um dos principais seguidores e divulgador da obra de Waibel, no Brasil e exterior. No estudo, aponta a contribuição do geógrafo alemão para o entendimento do desenvolvimento rural, servindo de subsídio a estudiosos das ciências sociais agrárias. (p. 40, 2002)

Outra abordagem da contribuição de Waibel e a influência que os seus conhecimentos tiveram nos estudos da Geografia Agrária brasileira é feita por Dutra, que publicou uma resenha sobre a obra “Geografia Agrária: a contribuição de Leo Waibel”. Para a autora,

a obra aponta um entendimento à contribuição do geógrafo para o pensamento geográfico que originou a Geografia Agrária no Brasil. (p. 158, 2002).

Etges divulga a trajetória de Waibel como pesquisador a partir da análise de sua obra, apontando-o como um dos pensadores da Geografia Agrária, cujos conhecimentos foram de fundamental importância para a implantação desse ramo de estudos da Geografia em nosso país, em artigo publicado em 2002.

Suertegaray dedicou-se, também, a reflexões sobre os rumos da Geografia Física. No texto “Geografia Física: uma reflexão”, publicado em 1986, a autora discursa sobre o ensino de “Geografia Física, ou o conjunto de disciplinas que interpretam a natureza num Curso de Geografia”, expondo uma nova linha a ser seguida, essa nova Geografia deveria ser pensada de forma “menos classificatória e descritiva, tornando-se mais dinâmica e atuante”, e se propor a formar profissionais, considerando a totalidade da área para promover uma avaliação consciente da relação sociedade x natureza.

Na abordagem de Suertegaray (1991), “Geografia Física no final do século XX” proporciona uma leitura da sua caminhada identificando a influência da corrente ecológica na produção geográfica do BGG. Em seu artigo aponta as discussões ecológicas na Geografia, afirmando que “falar de Geografia Física no final do século XX, é falar também da questão ambiental”.

Uma leitura historiográfica dos rumos e compromissos da Geografia também pode ser feita na produção de Castrogiovani para o BGG de número 20, no qual traz propostas de reflexões sobre a Geografia e o turismo. No texto, o autor aborda as relações possíveis para o desenvolvimento sustentável, baseado na sustentabilidade ecológica, e aponta o turismo como uma das fontes a serem exploradas no ramo; nessa perspectiva, a mercadoria seria “a paisagem geográfica”. Paisagem e espaço são objetos de estudo da ciência geográfica o que torna a Geografia indissociável das reflexões sobre turismo. No entendimento exposto, essa seria uma das novas ocupações que fazem da Geografia uma ciência a serviço da sociedade.

Discussões entre Geografia e religião, que num primeiro momento não parecem ter relação, começam a fazer parte do pensamento e da produção geográfica. Rosendahl discorre sobre as relações entre essas ciências que, segundo ela, acontecem pela característica social, que ambas assumem. A explicação? “Ambas se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente” (p. 96, 1995). Oro reafirma essa posição quando cita os espaços em que ocorrem as manifestações religiosas, como os “centros de peregrinação e romaria, cavernas, fontes, grutas, santuários [...]” (p.95, 1995).

Menegotto (1991) contribuiu com a produção que resgata a caminhada da Geografia publicando uma resenha que analisou a importância da obra “Uma visão crítica da Geografia do subdesenvolvimento”. O resenhista afirma que a leitura seria imprescindível para “observar com maior profundidade a relação entre intervenção humana e estruturação social e, sobretudo, a mediação do contexto - espaço e lugar - no processo político” (p. 73, 1991).

Mais uma vez observa-se a presença da Geografia Crítica no pensamento defendido pelo autor, pois ele deixa claro que defende uma atuação social do profissional de Geografia, o qual deve ser atuante e buscar soluções para os problemas da sociedade.

“Por uma Geografia Cidadã: por uma epistemologia da existência” foi o título que Milton Santos, difusor da Geografia Crítica no Brasil, apresentou num Encontro Regional da AGB. Santos faz uma discussão carregada de ideologias e filosofias sobre as possibilidades de “como construir a cidadania através da Geografia e de como construir a Geografia através da idéia de cidadania”, tarefas inseparáveis, segundo o autor (p. 8, 1996).

Suertegaray escreveu sobre a trajetória da Geografia, considerando o período que antecede sua institucionalização até as bases conceituais que deram caracterização aos diferentes momentos, nos quais os conhecimentos geográficos foram sendo utilizados na prática. A autora faz importantes referências sobre a Geografia Clássica, a Geografia do pós-guerra, a Nova Geografia e a Geografia Radical ou Geografia Crítica como ficou conhecida no Brasil.

Para a autora a “Geografia Radical nasce, por assim dizer, comprometida não somente com uma nova leitura do mundo de caráter não positivista, mas principalmente comprometida com a apreensão do mundo para melhor intervir, ou seja, pela práxis marxista (de um lado) e pelo liberalismo (de outro)” (p. 15, 1997).

Resgatando a Geografia, em seu contexto científico e utilizando-se da perspectiva histórica, Suertegaray permite fazer um passeio pela história do pensamento geográfico, possibilitando entender as bases conceituais que consolidavam os paradigmas de cada período. A autora faz uma observação importante em torno da crise da Geografia dos anos 1990, dizendo: “não penso que hoje exista crise da Geografia, a crise seguramente é mais ampla, é social, é política, é técnico-científica e, é claro, repercute na Geografia.” (p. 15, 1997). Pode-se entender a posição da autora como uma afirmação de que se a Geografia se fez uma ciência social logo ela vai assumir os conflitos da sociedade onde está inserida o que, por sua vez, vai repercutir em suas ideologias e atuação.

Já a posição de Cazzarotto, afirma a existência de “[...] crise de paradigmas. As certezas preconizadas no final do século XIX foram as incertezas do final do século XX, as quais permanecem neste limiar do século XXI”. (p.97, 2004). Para o entendimento do que acontece com a Geografia atualmente a autora recorre a sua historicidade como ciência, buscando fundamentação no pensamento de Ratzel, que se faz presente na produção geográfica brasileira.

Nessa mesma linha Rückert faz um resgate do pensamento geográfico brasileiro e gaúcho destacando como principais abordagens

- 1) o embrião da Geografia no país e a atuação dos não geógrafos (cronistas, naturalistas, engenheiros, militares e viajantes) nos períodos colonial e imperial/ primeira república; 2) o período moderno, quando a geografia emerge como ciência, no Brasil, com a emergência dos cursos superiores de Geografia, do IBGE e da AGB; 3) o período moderno recente, quando da emergência da geografia pragmática sob o Estado militar; da renovação política da sociedade brasileira e da abertura da Geografia para a sociedade civil (p. 17, 1997)

Rückert segue uma mesma linha de Suertegaray e traz sua contribuição e leitura histórica da Geografia. No entanto, pode-se buscar no texto de Suertegaray as bases para compreender a Geografia, enquanto que no texto de Rückert encontramos o pensamento geográfico e sua trajetória no estado, fazendo uma retomada de quem e como se produziu Geografia gaúcha, além de apontar caminhos e fontes para investigar sua trajetória.

O papel social do geógrafo também foi discutido por Borzacchiello da Silva (1997). No seu texto, assume o conceito de que geógrafo é todo o profissional que faz Geografia, seja técnico ou professor. O autor segue uma linha da Geografia Crítica, defendendo-a como ciência de compromissos sociais, que através de seus profissionais e conteúdos deve propiciar a compreensão do espaço geográfico, como um espaço de prática de cidadania, “espaço como *locus* da produção e reprodução da sociedade”. (p. 135, 1997).

Neves, no texto “Sociologia da Geografia ou dos Geógrafos?” defende a necessidade de um (re)encontro da Geografia com a Sociologia, sendo importante se fazer uma sociologia da Geografia e dos geógrafos, principalmente porque, segundo ele, o trabalho desse profissional exige “uma intensa metamorfose”, a qual se dá nas diferentes abordagens da geografia: “conteúdos, escalas, posições sociais e estruturas de poder”. As posições defendidas pelo autor são ainda mais abragentes quando se pensa no papel social do profissional de Geografia, como é defendido nos paradigmas da Geografia Nova ou Crítica, de Milton Santos.

Veleda da Silva faz uma discussão sobre a “Geografia e a questão de Gênero/Geografia Feminista”, objetivando possibilitar novas maneiras de “pensar geograficamente o mundo” (p. 106, 1998).

Radaelli da Silva, em texto publicado no BGG nº 24, discursa sobre a importância da história do pensamento geográfico na formação do profissional em Geografia e defende uma formação que contribua para ato de pensar, fazer e ensinar Geografia, que deverá ser socialmente e politicamente consciente. Na visão da autora

não se pode conceber um currículo a partir do conteúdo, por ele mesmo, separado da história e filosofia deste conteúdo, porque o conteúdo é necessariamente histórico, uma vez que está amalgamado nas idéias e nos contextos social, político, econômico e cultural da época em que se constitui.” (p.111, 1998)

Nessa linha de abordagem, Kaercher escreve sobre as relações entre o pensamento geográfico e atuação no ensino, analisando a aplicação da Geografia Crítica no processo de ensino das escolas, numa análise questionadora de qual Geografia Crítica está sendo aplicada e das (in)certezas que acompanham os professores no processo ensino-aprendizagem.

A formação do professor de Geografia foi tema de palestras do XV Encontro de Professores de Geografia, realizado em 1995. Nesta ocasião a comunidade agebeana recebeu importante contribuição de Callai, Rangel e Suertegaray, no sentido de pensar a Geografia escolar a partir da formação de seus profissionais. Rangel discorre sobre a qualidade dos cursos de licenciatura, muitas vezes decadentes e abalados, e que na expectativa de melhorias e prestígio junto a sociedade buscam projetos baseados em modelos defasados, que não geram resultados positivos. A visão defendida pela autora é de que “a formação do professor de Geografia não é uma prática acadêmica isolada, mas sim faz parte do contexto das licenciaturas, geralmente estruturadas em moldes que não correspondem mais as exigências da atualidade” (p. 35, 1995).

Entende-se que a problemática da Geografia tem um agravante, decorrente do fato de, na maioria das vezes, o professor apenas repassar as informações geográficas, sem a preocupação de oferecer a base para uma formação crítica e cidadã. Para Rangel, uma possibilidade para reverter o problema é a implementação de pesquisas educacionais e didáticas na formação do profissional docente, mas a mudança estaria vinculada a uma série de fatores a serem pensados e estruturados, visando a melhoria da qualidade dos cursos de licenciatura oferecidos nas universidades.

Suertegaray propõe uma reflexão acerca da preocupação dos cursos de Geografia, a formação de professores, bem como analisa as preocupações na AGB do Rio Grande do

Sul, nessa formação. Para a autora uma das críticas que freqüentemente se faz ao ensino de Geografia, a grande dependência do livro didático, que por sua vez se relaciona à formação do professor. Uma das formas de mudar esse quadro seria investir na formação dos professores de 1ª e 2º graus e considerar as vivências e as demandas dos alunos de licenciatura, durante a sua formação. Na defesa da autora, a AGB muito tem se preocupado e contribuído para pensar a Geografia escolar e suas práticas em perspectivas pedagógicas mais atuantes, onde novas formas de pensar o ensino de Geografia são discutidas em eventos e abordadas em formas de Anais e no próprio BGG, através de uma consistente produção. As contribuições agebeanas constituíram espaços de discussão coletiva e contribuíram para uma avaliação crítica das posturas no ensino de Geografia.

Callai, pensando na Geografia escolar relata a preocupação com a formação dos professores em dois momentos: primeiramente na habilitação formal, ou aquela que forma no âmbito acadêmico, que dá condições do profissional trabalhar com a disciplina de Geografia; a segunda decorre da importância de atualizações (p. 39, 1995), que, entende-se, devem ser buscadas através da formação continuada. A capacitação do profissional docente não deve parar quando adquire a habilitação para o trabalho docente, mas deve continuar pensando em investir na qualidade de ensino.

As autoras defendem a preocupação com a renovação das metodologias e práticas aplicadas na Geografia escolar, renovação que está diretamente ligada ao professor e ao tipo de formação que lhe foi propiciada. Através dessa (re)leitura pode-se entender que para pensar num novo “paradigma de Geografia escolar”, e mudar práticas pedagógicas que visam apenas repassar informações, deve-se conhecer a ciência na qual atua através de uma formação de qualidade, consciente e preocupada com a cidadania.

Rego (1986) escreveu sobre “a unidade (divisão) da Geografia e o sentido da prática” destacando as mudanças que aconteceram na Geografia sendo inegável a indissociabilidade espaço x homem. Uma discussão que, segundo o autor, foi introduzida a partir da Geografia Crítica e que aponta sob várias vertentes o compromisso da ciência geográfica com o homem, ser social.

Rego destaca a unidade da Geografia através do funcionalismo e do marxismo, fazendo, também, uma análise da prática de Geografia, através do funcionalismo e do marxismo. Para o autor, o reflexo dessa divisão está na prática enquanto a “Geografia tiver como objetivo a explicação simultânea da sociedade e da natureza, Marxismo e Neopositivismo com sua versão funcionalista pois, os dois paradigmas hegemônicos do pensamento contemporâneo, não respondem pela unidade dessa ciência”. (p. 12, 1986).

Contribuindo para uma reflexão no ensino da Geografia, Moreira, faz um estudo do espaço e tempo conforme as abordagens adotadas no ensino da Geografia seu objeto de estudo é o livro didático. Para o Moreira o maior problema encontrado nos textos que trabalham a temática, espaço, não está nos autores dos livros didáticos mas, numa cultura conceitual, que se baseia numa “fragmentação de mundo, que não é uma invenção da Geografia mas da cultura ocidental”. (p. 78, 1994)

Numa leitura de Silva e Fioreze destaca-se a história do pensamento geográfico privilegiando as reformas do século XVII e sua institucionalização no século XIX, enfatizando as rupturas paradigmáticas e as epistemologias que surgem e dão rumo a essa ciência. As autoras fazem uma retrospectiva da historiografia geográfica possibilitando uma reflexão sobre os saberes passados e os saberes contemporâneos. Barcellos da Silva faz uma análise sobre a contribuição de Delgado de Carvalho para a Geografia brasileira, destacando que a escola da Geografia Francesa, numa visão renovada (Geografia Moderna), orientou a atuação do autor. É essa visão, que busca defender a ação do homem sobre o meio (o possibilismo geográfico) que Carvalho difunde na Geografia brasileira. (p. 45, 2001)

Ao finalizar o estudo observou-se que muitas foram as formas de se discutir o pensamento geográfico nas publicações agebeanas. O ato de pensar uma Geografia mais atuante nas questões sociais perpassa pelas contribuições que influenciaram e influenciam essa ciência, pela formação do profissional e seu entendimento da necessidade de se renovar e adequar-se à realidade atual.

A Geografia muda acompanhando as mudanças e transformações ocorridas ao longo do tempo. Assim, sua trajetória é definida pelas necessidades da dinâmica da sociedade.

Considerações Finais

A leitura da historiografia da Geografia na produção agebeana, no BGG, é uma das formas de identificar a contribuição dessa entidade no pensamento geográfico brasileiro e gaúcho. As discussões mostram os caminhos pelos quais a geografia brasileira fez/faz sua história e como sua atuação tem se refletido na sociedade brasileira.

Os textos reunidos nessa (re)leitura, selecionados por permitirem identificar a história do pensamento geográfico brasileiro e gaúcho de modo especial, não ganham evidência por ter um número expressivo de publicações. Pelo contrário, são poucos os autores e textos que discutem a temática. Sua importância está no teor e consistência da produção, que analisa ou permite analisar a história e a trajetória da Geografia sob diferentes abordagens.

Os textos que atendem à temática em estudo são publicados ao longo do período de circulação do BGG; no entanto, observa-se incidência maior a partir da década de 1980, e sua culminância chega na década de 1990 com a concentração de um maior número de textos nos anos de 1995, 1997, 1998, coincidindo com o período das grandes discussões, mudanças e tomadas de posição. Na década atual a concentração de textos se dá em 2002, quando a AGB-PA propôs uma homenagem ao Geógrafo Leo Waibel, sendo que no BGG nº28 (1), a maioria dos artigos produzidos remetem à contribuição do geógrafo alemão à Geografia Agrária e sua influência na Geografia Brasileira.

De modo geral e salientando que não se esgota a análise, identifica-se através dos artigos que a publicação agebeana produz conhecimentos pensados e fundamentados nos paradigmas ou vertentes geográficas e que sua atenção, também, se volta para a discussão dos rumos da ciência geográfica.

Referências Bibliográficas

AGB-PA. Contrato entre a AGB/RS e a Secretária de Educação. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 8, p.75, 1980.

_____. Relatório sobre as reflexões realizadas durante o VIII Encontro Estadual de Geografia, em São Gabriel, de 27 a 30 de abril de 1988, sobre o Ensino da Geografia. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 16, p. 66-67, 1988.

ANDRADE, Manuel Correa de. *Uma geografia para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1994.

CALLAI, Helena Copetti. A formação do professor de Geografia. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 20, p. 35-38, 1995.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Geografia e Turismo: Reflexões. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 20, p. 92-93, 1995.

CAZZAROTTO, Rosmari Terezinha. Leituras de Friedrich Ratzel na produção geográfica brasileira contemporânea. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 30, p. 100-103, 2004.

COPSTEIN, Raphael. Origem e Evolução da AGB no Rio Grande do Sul. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 12, p. 36-48, 1984.

DUTRA, Viviane Saad; ETGES, Virgínia Elisabeta. Geografia Agrária: uma Contribuição de Leo Waibel. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 28 (1), p. 157-158, 2002.

ETGES, Virgínia Elisabeta. A Trajetória de Leo Waibel como Pesquisador. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 28 (1), p. 15-24, 2002.

FIOREZE, Zélia Guareschi Conhecimento e Produção do Saber Geográfico e a Construção do Território. Uma Perspectiva do IHGRGS. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 27, p. 60-70, 2001.

_____. *A invenção do Rio Grande do Sul: território e identidade na visão do IHGRGS (1920 - 1937)*. Passo Fundo: Clio, 2002.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia Crítica - Alguns Obstáculos e Questões a Enfrentar no Ensino - Aprendizagem de Geografia. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 28 (1), p. 45-66, 2002.

LONGO, Edi Maria. Algumas Reflexões em Torno da Geografia Agrária. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 13, p. 45-48, 1985.

MENEGOTTO, Ricardo. Uma Visão Crítica da Geografia do Subdesenvolvimento. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 18, p. 72, 1991.

MOREIRA, Ruy. Espaço e tempo na geografia que se ensina. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 19, p. 75-79, 1994.

NEVES, Gervásio Rodrigo, Sociologia da Geografia ou dos Geógrafos? *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 20, p. 152-153, 1995.

ORO, Ari Pedro. Geografia e Religião. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 20, p. 94-95, 1995.

POLENZ, Mariza; ENDERLE, Armando T. A Geografia e Questão Agrária. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 16, p. 63-65, 1988.

RANGEL, Susana Salum. A formação do professor de Geografia. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 20, p. 35-38, 1995.

REGO, Nelson. A unidade (divisão) da Geografia e o sentido da prática. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 14, p. 3-18, 1986.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e Religião. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 20, p. 96-99, 1995.

RÜCKERT, Aldomar A. O Papel Social e Político da Geografia no Brasil - Subsídios à História do Pensamento Geográfico no Rio Grande do Sul. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 22, p. 17-26, 1997.

SANTOS, Milton de Almeida. Por uma Geografia Cidadã: por uma Epistemologia da Existência. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 21, p. 7-14, 1996.

SCHÄFFER, Neiva Otero. O IBGE e os Geógrafos. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 14, p. 93-94, 1986.

SCHNEIDER, Sergio. A Atualidade da Contribuição de Leo Waibel ao Estudo da Agricultura Familiar. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 28 (1), p. 25-41, 2002.

SILVA, Ana Maria Radaelli da.; FIOREZE, Zélia Guareschi. Geografia, ciência e ensino. *Boletim Gaúcho de Geografia*. Porto Alegre, nº 26, p. 9-21, 2000.

SILVA, Ana Maria Radaelli da. Epistemologia, História e Ensino da Geografia Numa Perspectiva de Formação de Professores. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 24, p. 111, 1998.

SILVA, Jorge Luiz Barcellos da. Reflexões sobre o Pensamento Geográfico de Delgado de Carvalho e o Ensino da Geografia. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 27, p. 40-54, 2001.

SILVA, José Borzacchiello da. O papel social do geógrafo. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 22, p. 135-139, 1997.

SILVA, Susana Maria Velda da Geografia e Gênero/Geografia Feminista - O que é Isto. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 23, p. 105-110, 1998.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia Física: uma Reflexão. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 14, p. 19-21, 1986.

_____. A formação do professor de Geografia. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 20, p. 42-44, 1995

_____. A Geografia Física no Final do Século XX. *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 18, p. 27-31, 1991.

_____. A Geografia no contexto das Ciências *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 22, p. 7-16, 1997.

VALVERDE, Orlando. A Escola de Geografia Agrária de Leo Waibel *Boletim Gaúcho da Geografia*. Porto Alegre, nº 28 (1), p. 11-14, 2002.

¹ Promover estudos era o objetivo agebeano, tanto que, já na fundação da entidade é expresso em ata as propostas de trabalhos a serem desenvolvidas pelos sócios-fundadores. Estudos que vinham calcados na escola francesa e em sua geografia regional, defendida por Deffontaines. Sendo uma das proposições um “Ensaio de divisão regional do estado de São Paulo”, a ser desenvolvido pelo próprio professor Deffontaines (ATA DE FUNDAÇÃO, 1934. *AGB 70 anos trajetórias e contribuições*. São Paulo: AGB, 2004)

² Entre eles Caio Prado Júnior, Luiz Flores Moraes Rego e Rubens Borba de Moraes. (SEABRA, Manoel Fernando Gonçalves. Os primeiros anos da Associação de Geógrafos Brasileiros: 1934-1945. *AGB 70 anos trajetórias e contribuições*. São Paulo: AGB, 2004).

³ A origem e a evolução da AGB-PA foi tema de estudo de Raphael Copstein, publicado em 1984, no *Boletim Gaúcho de Geografia*, nº 12. Apresenta-se como primeiro e mais importante referencial para o resgate da entidade, nos seus primeiros dez anos de existência.

⁴ Atualmente a AGB-PA está instalada junto ao Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul - CPERS, que fica localizado Avenida Alberto Bins, 480 sala 301, Centro de Porto Alegre.

⁵ O *Boletim Gaúcho de Geografia - BGG* - começou a ser publicado no ano de 1973. No início, suas publicações eram divididas em três séries diferentes: série didática, série metodologia e série geografia, devido as várias mudanças ocorridas na estrutura do periódico as séries didática e metodologia foram extintas. No decorrer do trabalho não conseguimos reunir todos os exemplares, publicados nessas duas séries, por esse motivo se analisou somente os BGGs da série Geografia.

⁶ Na prática, não se confirma que esse boletim tenha sido produzido, pois entre os exemplares disponíveis e analisados, nenhum consta como sendo específico para este fim; o que se encontra são seções especiais que contemplam a área de ensino da Geografia. Provavelmente, as seções especiais de ensino, que foram publicados entre 1979 e 1982 tenham surgido em resposta ao contrato firmado em 1979.